

6.

CONCLUSÃO

Deus não constitui um objeto entre outros objetos diretamente experienciável. Deus emerge da radicalidade da experiência do mundo. O discurso sobre Deus é um discurso qualificado sobre o mundo, um discurso sobre o mundo enquanto nos apercebemos que o mundo não é a última instância, mas vem sempre remetido e suportado por Algo que ilumina dentro dele, mas que não é ele.

A experiência de Deus é sempre da transcendência radical de Deus. Sempre encontramos Deus como diferente de nós e completamente fora de nosso alcance.

Ao mesmo tempo encontramos Deus em nossa experiência de nós mesmos e nossa experiência de nosso mundo. É uma experiência de um Deus imanente.

O ser humano vive circunstanciado dentro deste duplo horizonte. No entanto ele não se deixa enquadrar simplesmente dentro deste mundo. Possui sua caminhada pessoal. É uma síntese única e própria da história. Nisso reside sua sacralidade e dignidade. É uma e única. Faz a sua experiência do mundo e no coração dele do mistério do mundo, de Deus.

Esta experiência de Deus na diafania do mundo não é uma vivência de um Objeto, nem uma experiência ao lado de outra experiência. Deus só se torna real e vivo se emergir da radicalidade da experiência do mundo, como Sentido, como Mistério que suporta, como Libertador dentro do nosso engajamento por mais justiça e humanidade. Pode-se experimentar Deus sempre e em qualquer situação, no momento em que descermos ao nível de profundidade da vida, onde ela mostra a abertura que é orientada na acolhida do Transcendente.

É uma experiência de humanidade. Sabemos que desconhecemos a razão de nosso início ou nosso futuro e experimentamos nossa completa dependência do Outro.

À luz da revelação em Jesus Cristo, sabemos que a experiência autêntica de Deus é a experiência de alguém que é *Abbá*, concedido no Espírito Santo por Jesus crucificado e exaltado à direita do Pai.

Para um cristão, a experiência de Deus é dependente e, de certa forma, derivada do encontro de Jesus com seu Pai. Precisa, então, ser compatível com a pregação e a práxis de Jesus do Reino de Deus.

E para quem segue Jesus sempre será uma experiência que dirige o cristão à comunidade de Jesus, a Igreja, em amorosa fidelidade à Deus. Envolve o caminho do discipulado.

Como se faz a experiência de Deus na caminhada pessoal? “Caminhante, não há caminho! O caminho se faz caminhando”! Como não podemos substituir ninguém ou viver a vida do outro, também aqui ocorre algo semelhante: cada qual, na caminhada de sua existência, deverá fazer a experiência da raiz que lhe alimenta a vida. Podemos, contudo, acenar para a seriedade da vida e convocar para descobrir aquilo em que o ser humano já está. O encontro com Deus é sempre experiência do dom. A pessoa sabe que é receptiva e, até certo ponto, passiva no encontro com Deus. Deus é o agente principal na experiência e o indivíduo sabe que está recebendo uma dádiva.

O fundamental é ajudar a produzir esta experiência direta de Deus, na qual se revela ao ser humano que esse mistério incompreensível que chamamos Deus é algo muito próximo, que se pode falar com Ele e nos salva por si mesmo precisamente quando não procuramos subordiná-lo a nós, mas a Ele nos entregamos incondicionalmente.

Os acenos aqui esboçados não pretendem descrever uma experiência de Deus, mas apenas chamar atenção para um possível caminho a ser aberto.